

o trabalho escravo e a poesia libertária do século XIX(*)

análise de Haase de Miranda()**

no dia 13 de maio do ano em curso realizou-se na praça Batista Campos, em Belém do Pará, o “ato público em defesa da dignidade do trabalho e em repúdio a todas as formas de trabalho degradantes”, dentre as quais o trabalho escravo, promovido pelo foro trabalhista, do qual participam: a associação dos magistrados trabalhistas da oitava região (amatra VIII), a ordem dos advogados do Pará (OAB-PA), a associação dos advogados trabalhistas do Estado do Pará (ATEP), a associação brasileira dos advogados trabalhistas (ABRAT) e a associação nacional dos procuradores do trabalho (ANPT VIII).

trata-se do segundo ano consecutivo em que o evento ocorre na data comemorativa da libertação dos escravos – 13 de maio, quando há mais de cem anos, foi assinada a Lei Áurea. o local que sediou o ato – em praça pública, juntamente com o significado histórico, político e social do dia 13 de maio, fizeram-nos lembrar um personagem da literatura brasileira que contribuiu, enormemente, para o despertar do movimento abolicionista do século XIX, tendo sido o precursor em denunciar o regime escravocrata colonial.

nos referimos ao principal representante da terceira geração do romantismo, um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos - Castro Alves. ele cantou os muitos amores vividos, mas não se limitou a escrever apenas sobre experiências pessoais, voltando-se, ainda, para as mazelas do mundo exterior. dedicou vários anos de seu curto tempo de vida a historiar e a declamar as tragédias, dores e tristezas do povo oprimido - os escravos.

nos versos do poeta baiano foram revelados, com emoção, força e sonoridade singular, o suplício enfrentado pelos africanos escravizados, desde o navio negreiro, no qual partiam rumo ao nosso país, em um “porão negro, fundo, infecto, apertado e imundo”, como descreveu em um de seus poemas mais famosos, até os horrores aos quais eram submetidos nas senzalas, em meio ao tronco e ao chicote, quando deveriam indagar, como fez Castro Alves em vozes d’África: “não basta ainda de dor, ó Deus terrível?!”

todavia, naqueles anos, havia escravos por todos os lugares no Brasil, como na casa da família do próprio Castro Alves e até nas de alforriados. A escravidão era permitida e considerada normal, constituindo-se na base da economia colonial. Diante de um cenário totalmente adverso e hostil às ideias abolicionistas, a luta pela liberdade foi um dos grandes desafios do poeta, que, sem temor algum, se manifestou politicamente como abolicionista, ao declamar, em voz alta, seus poemas sociais nas praças, teatros e saraus.

A poesia cantada pelo poeta era tão bela e forte que conquistava os corações e tocava a alma dos que a ouviam. A palavra e a voz foram os instrumentos utilizados por Castro Alves para lutar contra a escravidão, que parecia estar longe de chegar ao fim em nosso país, um dos últimos a abolir-la. Com seus versos, trazia ao conhecimento público os sofrimentos dos escravos, dando voz aos seus prantos, tormentos e ao tratamento desumano e desrespeitoso que recebiam.

O poeta se foi aos vinte e quatro anos de idade, não lhe restando tempo de vida para ver os ideais de seus poemas se concretizarem. Porém, mesmo após sua morte, continuou vivo através de suas poesias, que entoaram as lutas do movimento abolicionista, culminando na extinção da escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1888. E ainda hoje, cabe a reflexão sobre a atualidade da poesia libertária do século XIX, diante das notícias de que o Pará lidera o ranking dos estados com o maior número de empregadores que se utilizam de trabalhadores em condições análogas a de escravo, na chamada “lista suja” do Ministério do Trabalho e Emprego.

O papel histórico cumprido pelos poemas de Castro Alves demonstra que as diversas manifestações artísticas, como a literatura, a música e a pintura, têm um poder transformador, mormente quando engajadas com os problemas de seu tempo. A compreensão, por si só, como disse outro poeta, leva à libertação. Mas quando além de entender, conseguimos nos emocionar, a ponto de reagir, temos, então, uma revolução que inicia em nosso interior e tende a transbordar e a florescer, na esperança de que as gerações atuais e futuras possam desfrutar de uma vida plena, significativa e verdadeiramente livre.

(*) adaptação do artigo "poesia libertária" publicado no jornal O Liberal em 17.05.2007.

(**) anelise haase de miranda é juíza do trabalho substituta da oitava região (pará e amapá). email: anelisehaase@hotmail.com